

VIOLÊNCIA

Lançada cartilha sobre bullying

Vítimas de perseguições na escola precisam de atenção especial, já que não costumam contar em casa o que sofrem. O Conselho Nacional de Justiça ajuda a esclarecer a questão

» MARIANA LABOISSIÈRE

A violência física e psicológica contra pessoas incapazes de se defender, fenômeno popularmente conhecido como bullying, está na mira da Justiça. Uma cartilha informativa lançada ontem, na capital, com o selo do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), visa orientar pais e educadores no combate ao problema, que se tornou uma verdadeira patologia no ambiente escolar. O livreto de 14 páginas é de autoria da psiquiatra e escritora Ana Beatriz Barbosa Silva, que assina também o livro *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. A primeira edição é parte integrante do projeto Justiça nas Escolas e compõe uma série de ações cujo objetivo é aproximar o Judiciário e instituições de ensino do país na prevenção de problemas que afetam crianças e adolescentes.

O texto é apresentado em forma de perguntas e respostas. Além da descrição do fenômeno e de suas diversas formas de manifestação, são elencadas as consequências e os meios de evitá-lo. Cerca de 46 mil exemplares da cartilha já estão sendo impressos para distribuição massiva em escolas, fóruns, tribunais de Justiça e outros locais de grande movimentação de pessoas. Ela também se encontra disponível em ambiente eletrônico, no site do CNJ (www.cnj.jus.br).

"Estamos na Semana da Justiça nas Escolas, que é voltada a todos os atores do sistema de justiça

e de educação, no sentido de trazer questões não só relacionadas ao bullying como ao combate às drogas, evasão escolar, afim de debatê-las e informar a sociedade", explicou o juiz auxiliar da Presidência do CNJ, Daniel Issler, na ocasião do lançamento da cartilha. "Um tema de importante discussão é a **Justiça Restaurativa** que é uma das alternativas para tratar desses conflitos. Esse processo é diferente de uma solução meramente punitiva, restritiva do Estado", completa.

Posicionamento

Issler acredita que a visão da sociedade esteja mudando com relação ao problema. "O bullying não pode ser tolerado. Eu entendo que a situação de um aluno ser ridicularizado por outro não é nova — sempre aconteceu, sempre vivenciamos ou tivemos conhecimento. Acontece que esse tipo de comportamento não está mais sendo aceito pelas pessoas. O nome propriamente dito veio para qualificar, identificar esse tipo de conduta e nos permite falar sobre ela, além de criar maneiras de lidar com essa questão, que é grave", afirmou. "As consequências são muito fortes, entre elas, depressão e suicídio. Tem também a questão do prejuízo no rendimento escolar e problemas de violência."

O lançamento da cartilha ocorreu durante o seminário de lançamento do projeto Justiça na Escola. Na ocasião, foram realizadas palestras sobre diversos temas relacionados ao bullying. A

escritora Ana Beatriz destacou o fato de o fenômeno não ser exclusivo ao ambiente escolar. Segundo ela, trata-se de uma questão de saúde pública.

"Quando estamos falando no assunto, estamos defendendo uma sociedade menos violenta, porque esse é um tipo de violência. Mas, de certa forma, estamos restringindo-a ao território escolar. De todo modo, o bullying tem algumas características: a agressão é repetitiva, intencional — ou seja, não é pra brincar, é pra maltratar. A vítima tem que estar, sempre, em uma posição desproporcional de força: normalmente é pessoa tímida, reservada. É importante observar ainda a relação com a evasão escolar. Apesar de não haver uma estatística fixa, estudiosos vêm analisando os casos concretos que apontam para uma série de estados psicossomáticos ligado à estada ou à ida para a escola", completou.

Há diferentes tipos de agressões que caracterizam o bullying. Elas podem ser verbais, físicas, psicológicas e morais, sexuais e virtuais ou cyberbullying (realizadas por meio de ferramentas tecnológicas: celular, filmadoras, internet). "No caso da violência física, parte mais de pessoas do sexo masculino. Das meninas, tem origem nas intrigas e nas fofocas. Meninos homossexuais, desde muito cedo, sofrem assédio e até violência sexual nas escolas. É muito mais comum do que a gente imagina", atenta Ana Beatriz.

Candangos lideram

Uma **pesquisa** realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2009, colocou o Distrito Federal no topo do ranking nacional em incidência de bullying entre alunos do 9º ano do ensino fundamental (antiga 8ª série). Na ocasião, foram entrevistados estudantes das redes pública e particular de 6.780 instituições de ensino das 27 capitais da Federação. Do apanhado de candangos questionados, 37,6% assumiram sofrer ridicularizações dentro da escola.

Segundo a psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva, a pesquisa não se aprofundou nas causas do transtorno. Ela salientou ainda que a diferença entre a segunda e terceira cidades colocadas (Belo Horizonte e Curitiba) não foi tão grande. Mesmo assim, a estudiosa acredita que Brasília tenha características que acabam influenciando a alta incidência. "Temos que entender que o bullying é um fenômeno de violência e lembrar que ele também é uma disputa de poder. É óbvio que todos os parâmetros de uma cidade e sociedade — e Brasília acaba representando o poder federal — podem ter relação com o fato", opina. "Tudo que acontece aqui, seja em relação à impunidade, a quebra de regras ou a acidentes graves que atingem outras pessoas e ninguém é punido, pode estar relacionado ao fato de essas pessoas estarem perto do poder e acabarem sentindo que estão também amparadas pelas benesses do poder", conclui.